

VISITA A JEAN COCTEAU

PARIS, março (Via Panair)

— Deve ficar estebelecido, antes de mais nada, que isto não é uma entrevista. Quando me convidou para ir com ele à casa de Jean Cocteau, o jornalista Louis Winitzer me fez prometer que não faria uma entrevista, pois ele mesmo ia fazê-la para "Letras e Artes". De maneira que eu fiquei calado todo o tempo, ou quase.

Cocteau mora no campo, mas tem um apartamentinho no Palais Royal, perto da casa de Colette. Marcara a entrevista para as 11 h 30 e deu o bolo. A empregada mostrou-nos, na almofada da porta, um quadro negro em que anota o que tem a fazer; lá estava nossa entrevista marcada. Que voltássemos às duas, pois ele viria almoçar em casa.

— "Mas voltem mesmo e não telefonem; se telefonarem, ele marca para outro dia, porque está muito ocupado e nervoso. Teve um acidente de automóvel."

Na verdade Cocteau capengava regularmente quando nos recebeu. Contou o acidente acontecido na véspera — um acidente, disse, absolutamente copiado de uma das cenas do filme que está terminando, "Orfeu". Sim, a vida copia a Arte — e às vezes de um modo desagradável.

A minúscula sala em que nos recebe tem o chão forrado de verde e as paredes e o "sommier" de um veludo "bordeaux". Há uma série de gravuras de Delacroix sobre o "Fausto", cavalete desarmado, caixa de tintas, quadros no chão voltados para a parede, o retrato de um velho de bigodes e de uma criança antiga, e um pouco por toda a parte livros, papéis, fotografias, desenhos, estatuetas. Não sei a idade de Cocteau; deve estar entre os 50 e os 60; os cabelos são grisalhos sobre a testa alta mas fina; há uma coroa, que os cabelos não chegam a dissimular bem, como se ele fosse um padre renegado. A cara é magra, nervosa e triste, talhada de rugas; o nariz bem traçado e firme, a boca pequena, as orelhas agarradas à cabeça e pontudas. Tudo isso lhe dá um ar ao mesmo tempo de cansaço e de atividade; os olhos pequenos, de palpebras fatigadas, são alternativamente vivos e sonhadores. Fala com rapidez e facilidade, e sua con-

Rubem BRAGA

versa prende, porque passa incessantemente de observações práticas e precisas para coisas de poesia e sonho. Sente-se que ele vive a um só tempo nesses dois mundos; confunde-os em um só, a que chama realidade.

"As pessoas comuns — diz ele a Winitzer — é que vivem em uma irrealidade total, fazendo o possível para esquecer a todo momento tudo o que é na verdade importante para elas mesmas."

Fica irritado quando dizem que um tal filme é bom mas não é cinema, um tal livro é bom mas não é romance, todas essas categorias pretendem esconder a unidade da poesia. "Eu faço é poesia" — diz ele. Por isso desenha, dirige filmes e peças, escreve balés — e faz tudo como gosta e não como os outros querem. Afinal os outros que aprendam, acabarão aprendendo. Conta que outro dia estava com Picasso, e este perguntou a um rapaz,

Arte

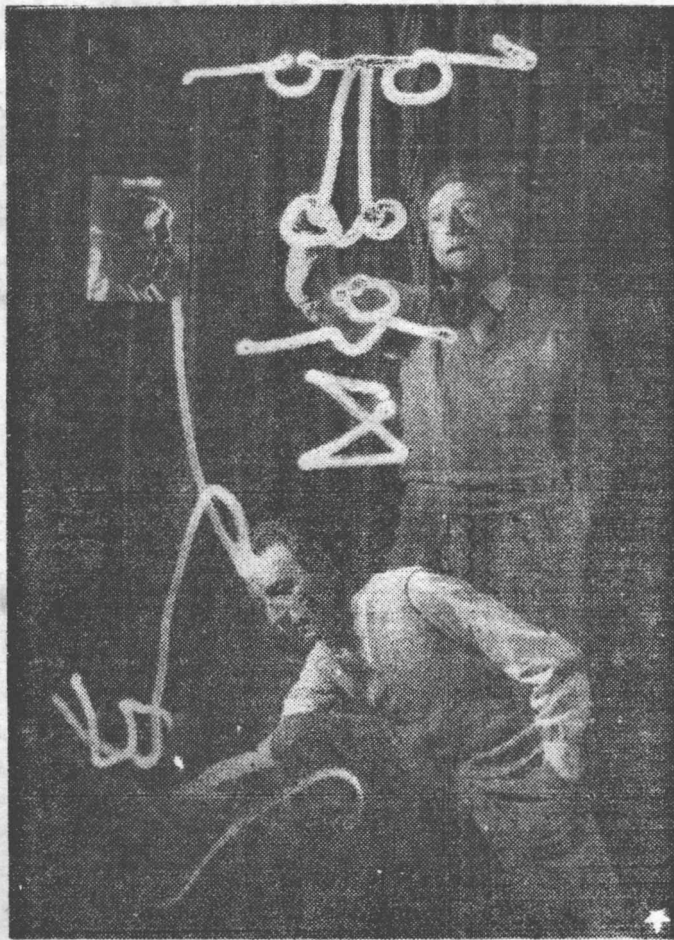
restaurador de quadros, e que achava de certa pintura. O rapaz confessou que não podia dizer nada, porque não compreendia aquele quadro. E espanhol: — "Você compreende chinês?" O rapaz disse que não. — "Pois chinês se aprende a compreender; isso também."

Mas o mundo de hoje é tão complicado. Os dedos compridos de Cocteau fazem um gesto para explicar que há demasiados livros, coisas, lugares, pessoas; quanto ao artista, todos se metem na vida dele, principalmente os reporteres, e o rádio faz muito barulho; entretanto o artista precisa de silêncio. E arranja? Sim, ele trabalha em silêncio cercado de todo esse barulho. Ele, o poeta, impede o homem comum de esquecer os sonhos, e assim atinge a vida de todo mundo. (Cocteau faz duas ou três frases bonitas que deixo para o Winitzer pôr na entrevista dele). Quanto a cinema, está

realizando seu ideal, acaba o filme em que ele manda sozinho. Sim, concorda comigo em que "Orfeu" é o mesmo tema de "Le jeune homme et la mort", aquele balé; todas as artes são caminhos da poesia para dar seu recado.

Cocteau continua dizendo muitas outras coisas a Winitzer; está de sobretudo, e em baixo do paletó ainda há um sueter. Veste-se como um homem "bem" de sua idade, um colarinho de riscas, bem engomado, uma gravata prateada, mas sem brilho, discreta; e usa a fitinha da Legião de Honra e lencio no bolsinho de cima do paletó, traz os sapatos engraxados. De repente me ocorre que ele parece um pouco com Sergio Milliet, mais velho e mais rápido para falar e fazer as coisas. Não, não é isso: ele parece é um Olegário Mariano desidratado. Telefonam do estúdio, batem à porta, ele nega uma fotografia a Winitzer, concede duas dedicatórias com desenhos, pergunta se estou gostando de Paris. Diz que as pessoas que chegam aqui vindas de longe passam uma semana encantadas, depois de dois meses sentem-se muito sós porque não conhecem quase ninguém, depois de dois anos voltam a ficar tão encantadas como a princípio. Um rapaz loure abre a porta e lhe dá um recado, e a propósito do quadro negro em que toma nota das coisas ele conta que tinha posto ali o telefone da mulher de Picasso, depois Jean Marais foi fotografado ali e apareceu o nome da senhora e o número do telefone atrás dele, na fotografia, e a fotografia saiu no jornal, e o dia inteiro tinha gente telefonando para a jovem senhora perguntando se Jean Marais estava lá.

Diz que Maria Felix o convidou para fazer um filme no México, e nesse caso que dará uma volada pelo Brasil e Argentina para conhecer; me pergunta como está o teatro no Brasil, e o cinema? Repetiu que ultimamente aparecem mais filmes bons do que livros bons; deve haver cinema de todos os tipos, tanto o da fábrica de Hollywood, feito em serie como um carro Ford, até o cinema em edição de luxo, feito para algumas pessoas que forem capazes de compreendê-lo.



Cocteau faz desenhos no ar com uma lanterna elétrica

E acontece que as pessoas em geral compreendem mais do que pensam os distribuidores, que acham o público muito estúpido porque o julgam por si mesmos. Enfim, se o público hoje não gosta poderá gostar amanhã, a arte muitas vezes é uma coisa lenta, o principal é fazer as coisas com amor, jogar nelas tudo o que tiver dentro da alma, realizar sua poe-

sia, espalhar semente de sonhos.

O telefone toca varias vezes. Saimos. Quando volto cinco minutos depois para apanhar um embrulho que esqueci, Cocteau está posando para um fotografo e o telefone está tocando outra vez. Mas imagino que o poeta está funcionando dentro de seu misterioso silencio.

19.3.50